



# PORTUGAL: UNIÃO EUROPÉIA OU ATLANTICISMO? \*

Therezinha de Castro

---

O artigo apresenta um estudo geopolítico comparativo das relações de Portugal e do Brasil com os continentes em que estão situados e o oceano a que se vinculam, em comum.

---

## PRECEDENTES HISTÓRICOS

No século XII, Portugal já era um Estado Independente, conseguindo subtrair-se ao feudalismo que caracterizara a Europa Medieval. Em território isolado pelos Pirineus, com posicionamento no Atlântico, desenvolveram-se povoações litorâneas ligadas à pesca e ao comércio. Era essa a fase inicial de um Estado da Europa, fora da Europa.

Em 1415, os portugueses conquistavam Ceuta, onde o Infante D. Henrique e seus irmãos, D. Duarte e D. Pedro, eram armados cavaleiros pelo pai, D. João I, o Rei que livrara Portugal da total "iberização"; livrara-o da ameaça de submissão a Castela, vencedor da Batalha de Aljubarrota (1385). Impunha-se mais uma fase desse Estado da Europa, fora da Europa.

Daf ao "atlantismo" seria um passo. Com a travessia do Estreito de Gibraltar, estava consolidada a idéia da implantação de um império ultramarino, tendo, na Madeira e nos Açores, os respectivos trampolins e, em Sagres, a mola propulsora que congregaria, no Promontório de Algarve, experimentados navegadores venezianos,

---

\* Selecionado pelo PADECEME

A autora, a convite do IDN (Instituto da Defesa Nacional) de Portugal esteve em Lisboa e no Porto, no mês de março de 1994, para proferir conferências sobre o Brasil.

genoveses, judeus e, até mesmo, árabes. Na prática, jamais existiu uma Escola Náutica em Sagres; podendo-se dizer que o mar oceano era a sala de aula, os bancos eram as caravelas, nas quais embarcavam mestres e alunos — pilotos, cartógrafos, astrônomos, geógrafos, marinheiros etc., numa perfeita simbiose de aprendizagem prática, dentro do método peripatético, no vai-e-vem das ondas e empurrar dos ventos. Nessa conjuntura, Portugal se “desiberizava” e se “atlantizava”.

Entre a chegada de Bartolomeu Dias ao Cabo da Boa Esperança (1489) e o traçado do caminho marítimo para as Índias, por Vasco da Gama, (1498), transcorrem nove anos, dentro dos quais deve ter sido implementada toda uma política que veio a **assegurar ao país o Poder Marítimo**. Assim, os ajustes feitos em Tordesilhas (1494) atribuíam a Portugal todo o Atlântico Sul, em cuja ribeira ocidental esteve Duarte Pacheco Pereira (1498), antecedendo Pedro Álvares Cabral, que, não sendo navegador, viria apenas tomar posse do que passaria a ser parte do litoral brasileiro (1500).

Devidamente “atlantizado”, Portugal iniciava o seu “flechamento de rotas”, posicionando-se nas passagens do Cabo (1498); de Ormuz (1508); de Málaca (1511); instalando um ponto de apoio em Cantão (1517) e um antípoda em Salvador, no Brasil (1549). Assim, em meados do século XVI, Portugal dispunha de cerca de 300 navios

oceânicos — o que é impressionante para a época — mas uma população de um milhão e meio, insuficiente para assegurar império tão disperso, em cuja esteira já se aventuravam Inglaterra e Holanda, voltadas para o Poder Marítimo, secundadas pela Espanha e França, mais afeitas ao Poder Terrestre.

Embora o objetivo comercial fosse o da obtenção das especiarias das Índias, ou Ásia daquela época, não resta dúvida de que, dentro de todo esse contexto, “a rota de Vasco da Gama estava previamente traçada, nas suas linhas gerais e essenciais, sendo fruto das explorações dos caravelistas encarregados — a partir da grande viagem de Dias — de descobrirem o Atlântico Sul”.<sup>1</sup> E, surgiria, justamente nesse Atlântico Sul, a maior obra colonizadora dos portugueses — **o Brasil, a grande projeção de Portugal fora da Europa**.

Concluindo-se, essa fase marcaria, em definitivo, **o destino atlântico de Portugal** — que se daria, no transcorrer de toda a História, muito melhor, quando voltado para o complexo ultramarino que criara, enfrentando, ao contrário, sérios revezes quando se envolvia em problemas do continente. Assim o foi, no congresso de Viena (1815) ... no Congresso de Berlim (1883-84) ... e na Primeira Guerra Mundial.

1 - COSTA BROCHADO. *Descobrimto do Atlântico*. Coleção Henriquina. Lisboa, 1958, pág. 55.

## POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Em 1968, quando entrava em colapso o regime ditatorial estabelecido por Antônio Oliveira Salazar, desde 1932, ao se tornar Primeiro-Ministro, já se delineava o **desmembramento do Império Ultramarino**. Com a anexação do enclave de Goa (1960), começaram a ocorrer movimentos pró-independência, nos territórios africanos.

Impunha-se a **transicional fase de Marcello Caetano**, que se estendeu até 25 de abril de 1974. A **Revolução dos Cravos, de tendência esquerdista radical**, pretendendo levar o país a um "horizonte socialista", acabaria por lançá-lo numa **vivência tumultuada**, até 1979 — isso porque o processo político se imporia muito mais na exacerbação dos Partidos do que propriamente na divisão do eleitorado.

Separavam-se as Províncias Ultramarinas da África, enquanto Portugal via sucederem-se no governo os Generais Antônio de Spínola e Francisco Costa Gomes. Ante o fracasso do golpe liderado por Spínola,<sup>2</sup> realizaram-se eleições constituintes, onde o impasse com os socialistas impôs o Triunvirato (Francisco Costa Gomes, Otelo Saraiva e Vasco Gonçalves).<sup>3</sup>

Impasses continuados na presidência do General Antônio Ramalho Eanes resultam na vitória socialista na Assembléia Legislativa — os "eanistas" eram **centristas ou esquerdistas** que não nutriam grande entusiasmo pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, que acabou por se demitir em 1978.

Em 1980, Sá Carneiro procurava imprimir novos rumos ao país, na **direção da centro-direita**, quando morreu. As diretrizes se embaralharam e, nas eleições de 1985, o socialismo de Mário Soares obtinha vitória apertada sobre Diogo Freitas do Amaral, candidato do CDS/PSD (51,28% sobre 48,72%). Observando-se que a morte acidental de Sá Carneiro, o líder do PSD, não alijara de todo o Partido do Poder, **passada a tempestade revolucionária**, o eleitorado português balançava o pêndulo para a centro-direita, atribuindo o cargo de Primeiro-Ministro a Aníbal Cavaco Silva. O fato era justificado pois, em seguida à Revolução dos Cravos, a economia portuguesa entrara em declínio, contribuindo para o **afastamento do dogmatismo ideológico** e, ainda, para certa comunhão de idéias Soares/Cavaco quanto à entrada de **Portugal na Comunidade Econômica Européia**, a 1º de janeiro de 1986.<sup>4</sup>

2 - Para maiores detalhes vide: CAETANO Marcello. *Depoimento*. Distribuidora Record. Rio, 1974, e SPINOLA, Antônio de. *Portugal e o Futuro*. Editora Nova Fronteira. Rio, 1974.

3 - Substituído por José Batista de Azevedo, na chefia do governo, em 29 de agosto de 1975.

4 - Porseu posicionamento no terminal atlântico europeu. Portugal já havia se tornado membro da OTAN (1949), embora só tivesse sido admitido na ONU em 1955.

**Portugal voltava-se para uma Europa** que os Tratados de Maastricht (1993) e de Schengen (1994) procuraram, respectivamente, unificar, atingindo o próprio limiar da soberania, e cercar. Esse cerco entrava em vigor, a 1º de fevereiro de 1994, para controlar a imigração clandestina proveniente de países subdesenvolvidos, implantando, em decorrência, um sistema ultraliberal de circulação interna, na chamada "Fortaleza Européia".

Em se tratando da **imigração "Sul"**, Portugal recebeu grandes contingentes de negros PALOP, por serem originários de "países africanos de língua oficial portuguesa". Mas, em contrapartida, exportou seus brancos naturais como mão-de-obra barata. Cerca de 2.500 portugueses<sup>5</sup> haviam migrado para o Brasil, mas, após a Segunda Guerra Mundial, a preferência voltava-se para a Europa, já que, dos 920.000 recenseados pela União Européia, em 1993, espalhados pelo continente, 84% estavam na França. Segundo a OCDE (Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico), cerca de 40% das pessoas de nacionalidade portuguesa vivem fora do país. Antevê-se que essa **"sangria" de nacionais e "transfusão" de africanos** irá mudar,

sobretudo, a médio prazo, a paisagem populacional de Portugal.

Enquanto Portugal se "euro-centralizava", procurava não fugir de todo ao seu "destino manifesto atlântico", muito embora, mesmo antes de Schengen entrar em vigor, tenha se mostrado rigoroso com a imigração de brasileiros, geratriz da chamada "Crise dos Dentistas". Paradoxalmente, Portugal, país de emigração, com a independência de suas colônias, transformava-se em país de imigração, com os "retornados", portugueses ou descendentes destes, cerca de 90.000 pessoas — sem contar com os clandestinos, notadamente oriundos de Cabo Verde. Em consequência dessa invasão indiscriminada, embora não seja um conglomerado urbano como o Rio de Janeiro (6.000.000 de pessoas) ou S. Paulo (10.000.000 de pessoas), Lisboa, a capital portuguesa, já enfrenta a crise do urbanismo. Aí se desenvolvem as favelas, ou "bairros de lata", habitadas por desempregados ou imigrados, enquanto a cidade se espalha para zonas satélites ou cidades-dormitórios, com destaque para Loures, Amadora, Oeiras, Sintra, etc.

Mesmo diante de todo esse entrevero, era criado, em 1989, o **Instituto Internacional de Língua Portuguesa**, com ambicioso projeto de união dos sete países que têm o português como língua oficial numa Comunidade. Esses países são — Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé-Príncipe.

5 - Que hoje abriga cerca de 1.200.000 deles e poderá receber parte dos 600 mil que vivem na conturbada África do Sul, já que o espectro dos "retornados" vem sendo tema de reuniões governamentais, em Lisboa.

Esse "atlantismo" ressalta do fato de **o português ser uma das línguas mais faladas no Mundo** e ainda do fato de que, no final deste século, será a ligação íntima e natural de cerca de 200 milhões de pessoas — "atlantismo" que avulta quando se constata ser **o português mais falado como língua natal** do que o próprio francês, o italiano e o alemão. Note-se, que além de "exportador" de seu idioma, **Portugal possui unidade linguística** que contrasta com a variedade de dialetos que, na maioria dos países europeus, entra em confronto com a palavra oficializada. No caso, em se tratando do mirandês, em Miranda do Douro, este não chega a afetar a língua portuguesa, que se impõe no país, constituindo-se na **terceira língua europeia mais falada no Mundo Ocidental**.

Sem dúvida, essa Comunidade de Povos de Língua Oficial Portuguesa é o continuar da semente lançada em 1968, por Juracy Magalhães/Marcello Caetano e hoje cultivada pelo Embaixador José Aparecido de Oliveira, apoiado pelo Governo Cavaco/Soares. Justifica-se o ano de 1968, pois o mundo lusófona se esfacelava, politicamente, e procurava, **na assertiva do idioma, a integração geopolítica**. Impõe-se, na atualidade, quando a Guiné-Bissau, cercada por países francófonos, ameaça abandonar o idioma português e Moçambique se posiciona tal como "ilha cercada por mar inglês".

Concluindo-se, o ano de 1989 irá se caracterizar pela atração de Portugal

para um continente que procura sobreviver na base de uma união, sem que ele se desvie, no entanto, de seu passado-presente "atlantista".

## OPÇÕES GEOPOLÍTICAS

Situado no sudoeste da Europa, **Portugal Continental é país descontínuo**, integrado pelos arquipélagos atlânticos da **Madeira** e dos **Açores**. É do **tipo alongado**, segundo classificação de Renner,<sup>6</sup> caracterizado por regiões climáticas diferentes. Nesse contexto, se envolve num dualismo — norte chuvoso e sul mais seco. O dualismo também é imposto pela divisória do Tejo, destacando um norte com pequenas propriedades ou minifúndios que, sendo núcleo geohistórico do país, apresenta-se bem mais conservador dentro do individualismo agrário. Ao sul, as planícies abrigam domínios maiores, com latifúndios que vão dos 4.000, 15.000 hectares, atingindo por vezes 30.000, transformando-se, por isso, no "feudo" do Partido Comunista.

O **contraste é ainda observado no campo da Demopolítica**, com uma zona interiorizada menos povoada (30 hab/km<sup>2</sup>), sem grandes centros urbanos,

6 - Com território contínuo, classifica-se o Brasil com a forma compacta, pela equidistância entre seus extremos norte/sul (4.307 km) e leste/oeste (4.336 km).

opondo-se a uma faixa litorânea com as maiores densidades (entre 200 e 500 hab/km<sup>2</sup>). Lisboa (830.500 habitantes) e o Porto (350.000 habitantes) são os dois núcleos urbanos de peso, o primeiro caracterizadamente geopolítico e o segundo como pólo geoeconômico.<sup>7</sup> Pelo centripetismo que os caracteriza, Lisboa se articula com Coimbra/Santarém, enquanto o Porto atrai Aveiro/Braga.<sup>8</sup> A Geopolítica justifica o **contraste periferia/hinterland**, pois os 832 km de litoral aberto para o Atlântico contam bem mais a História do país do que os 1.215 km de fronteiras terrestres com um único país europeu — a Espanha.<sup>9</sup>

A Geopolítica explica também o **movimento expansionista voltado bem mais para o sul** do que para o norte. Na fase da reconquista, o núcleo geohistórico posicionado entre o Douro/Minho, da “Roma Portuguesa” instalada em Braga, não atingiu a “Roma do Ocidente”, constituída pela Gália. Assim, o território português buscava o seu espaço vital além do Tejo, implantando geoestrategicamente a capital em Lisboa. Anexado o Alentejo,

atingia-se o Algarve ou “país do poente”, que passava, como associado ao Reino de Portugal, a se constituir em “marca defensiva” frente aos árabes, posicionados do outro lado de Gíbaltrar. A geografia algarvia, região isolada do Alentejo por cadeia montanhosa, separada da Espanha pelo Guadiana e banhada pelo Atlântico, imprimiria pendor náutico ainda maior no português que, da navegação costeira, pendeu para o desbravamento do enigma oceânico. Complemente-se tudo com a precisa conclusão geopolítica de Virgílio de Carvalho:<sup>10</sup> “Quanto ao Algarve, a sua anexação foi decisiva para que ele não pudesse constituir, juntamente com a Galiza, uma pinça estranguladora do poder marítimo centrífugo de Portugal... Portugal estruturado, a partir daí, geopolítica, geoeconômica e geoculturalmente como país-arquipélago mais euro-atlântico do que ibérico, pode continuar a ser a única Nação na Península Ibérica a juntar a identidade da Nação (que as outras nunca perderam), à individualidade do país”.

A **unidade e individualidade de Portugal** contrastaria, pois, com o cantonalismo geopolítico que faria da Espanha uma federação de Reinos comandados por Castela.<sup>11</sup>

7 - No Brasil, é idêntico o fenômeno pois 80% de sua população se concentram na faixa litorânea, que dista 1.000 km do Atlântico, contribuindo para que nossos mais importantes centros urbanos sejam marítimos ou penemarítimos.

8 - Correspondendo, no contexto geral brasileiro, ao triângulo formado por Rio/S. Paulo/Belo Horizonte, de notória importância geopolítica no país, localizado em seu ecúmeno estatal.

9 - Com 7.367 km de linha litorânea e 15.719 km de fronteiras terrestres, o Brasil faz limite com 9 países sul-americanos e um Departamento do Ultramar — à Guiana Francesa.

10 - *O lugar da Europa e de Portugal no Mundo* (Ensaio Geopolítico a Propósito da Comunidade Européia). Distribuidores Movilviro—Porto e Diglivro—Lisboa. Porto, 1993, págs. 115 e 116.

11 - Contraste com reflexos além-Atlântico, onde a unidade e a individualidade do Brasil, o único Estado de língua portuguesa, contrapõem-se aos vários países hispano-americanos.

Além de fazer parte da Península Ibérica, Portugal também se **distingue em meio ao mosaico étnico-linguístico europeu por sua coesão**; destaca-se pela originalidade de **uma língua única e cultura uniforme** concedida pelos 94,5% de um povo professando a **religião católica**. Donde a conclusão de **cunho geopolítico** de que, por sua unidade e individualidade, Portugal poderá vir a se transformar num grande Estado nesse continente, onde está bem presente o processo de "balcanização", dentro dos separatismos que caracterizam vários países integrantes da União Européia. Nessa conjuntura de reivindicações, Portugal se destaca por não contar no interior de suas fronteiras políticas com nenhum problema étnico, nem com particularismos regionais.

Com 10.700.000 pessoas, praticamente a população da nossa cidade de S. Paulo,<sup>12</sup> a densidade de Portugal é de 116 hab./km<sup>2</sup>, de cujo total somente 1/3 vive nas cidades, correspondendo à **taxa mais baixa de população no seio da União Européia**. Muito embora a agricultura empregue 20,7% do efetivo populacional, apresentando-se como a **taxa mais elevada da União Européia**, não assegura senão 6% do PIB, por ser ainda insuficientemente modernizada. Exportador de pasta de papel, é o pri-

meiro produtor mundial de cortiça. Com a intensificação recente da exploração mineira, transformou-se no primeiro produtor de cobre, constando ainda de seus quadros o estanho, o tungstênio e o urânio.

Após haver se aproveitado das contribuições comunitárias oriundas de sua adesão à União Européia, que atingiram 2% do PIB, de 1986 a 1992, Portugal terá que encarar o ônus da integração, recuperando o atraso na agricultura como também no desenvolvimento dos setores saúde/educação. Para a realização desse programa, após a euforia dos que acompanharam o "milagre econômico", impõe-se a inquietude em face do **desafio de se manter no conjunto europeu, estando entre os países considerados mais pobres**.

Concluindo-se, por outro lado, que à semelhança da Dinamarca, no Grupo Escandinavo, e da Inglaterra,<sup>13</sup> que, com Irlanda, Islândia e Portugal integra o Grupo Marítimo,<sup>14</sup> os objetivos nacionais portugueses devem estar,

13 - Como a Inglaterra, a Dinamarca apensa ao eurocentrismo pela tendência "atlantista", assinou o Tratado de Maastricht, com grande relutância, com pequena margem de "sim", pelo envolvimento desse documento com o problema da soberania.

14 - No conjunto das Regiões Naturais sul-americanas, o Brasil se integra com a Argentina e o Uruguai no Grupo Atlântico, através do Pacto da Bacia do Prata e corolário no MERCOSUL essa área, associando o interiorizado Paraguai, transformou-se no pólo geopolítico do Atlântico Meridional.

12 - Contrastando formalmente com o Brasil com 146.900.000 habitantes e densidade demográfica de 12 hab./km<sup>2</sup>, com um efetivo de 76% vivendo nas cidades.

sobremodo, voltados para o fator geopolítico de que é o país mais atlântico da Europa, sendo-lhe o oceano muito mais vital que o continente.

Conseqüentemente, embora associado ao continente, não pode prescindir de seu posicionamento na "esquina dos dois Atlânticos", importante peça da RAIÁ (Região Atlântica Ibero-Africana), no conjunto da OTAN. E cabe aqui a premissa conjuntural de Virgílio de Carvalho:<sup>15</sup> Portugal pode ser considerado, até certo ponto, um país mediterrâneo, por razões várias que são conhecidas, da História, da Cultura e do Clima, entre outras. Como também não o é do Sul da Europa, nem do Sudoeste euromediterrânico como a Espanha, Portugal é um país euroatlântico". Em conseqüência, dentro de suas diretrizes geopolíticas, é indicado que Portugal deva se suprir da qualidade de oceânico para fazer frente ao que lhe falta na quantidade de um continente que procura se unir na chamada União Européia. Deve, pois, temperar cuidadosamente, o "atlantismo" com o "eurocentrismo".

## CONCLUSÃO

A despeito da notória diferença entre suas respectivas áreas, com o Brasil 100 vezes maior do que Portugal, há semelhança na **disposição das fronteiras marítimo-terrestres**. Embora voltados para o Atlântico, perfazem, em quilômetros, menor litoral que o de suas respectivas fronteiras terrestres. Tal continentalidade, determinada pela disposição de fronteiras terrestres, é contrabalançada na maritimidade pelo fator demopolítico, já que é na faixa litorânea que se concentra o maior efetivo populacional.

Contrastando com a **fronteira única terrestre de Portugal** com a Espanha, o Brasil, excetuando-se o Chile e o Equador, limita-se com os demais Estados condôminos no continente. Porém, no campo das semelhanças, os dois países se mantêm geohistoricamente atlânticos — "atlanticidade" bem mais caracterizada para Portugal, **isolado na fimbria da Europa**, do que para o Brasil, com sua massa crítica transformando-o, por sua presença, em múltiplo vetor no continente sul-americano, onde ocupa 47,7% do total, em área.

Em se tratando do **fator crescimento do Estado**, a conquista do norte, na conjunção Minho-Galícia, pondo frente a frente portugueses e espanhóis, levaria o núcleo geohistórico de Portugal a procurar espaço vital na diretriz do sul e, com a inclusão Alentejo/Algarve,

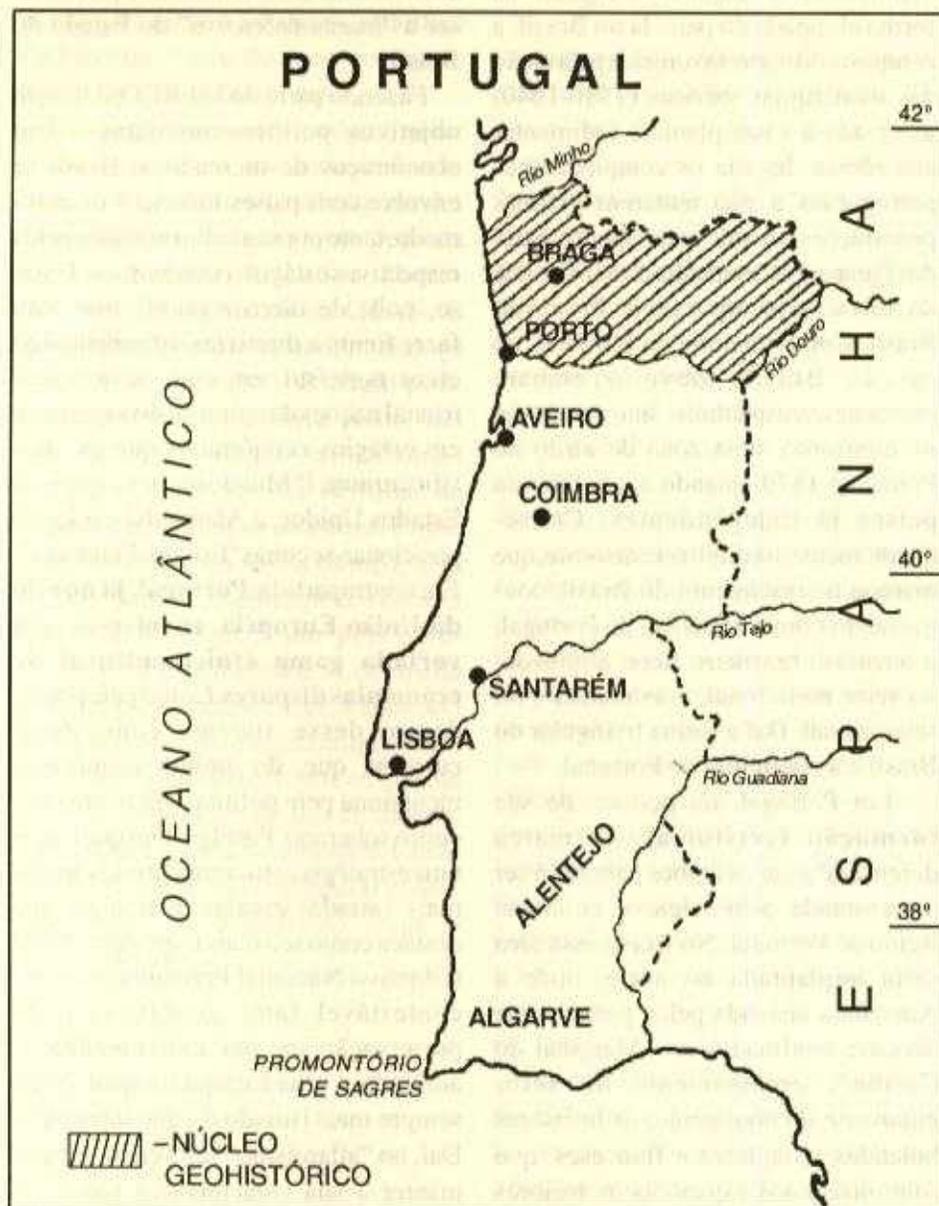
15 - *Cumprir Agora Portugal — Uma Proposta para uma Grande Estratégia Nacional*. Difusão Editorial Ltda. Lisboa, 1987, pág. 55.

manteria-se o traçado retangular na forma alongada do país. Já no Brasil, a conquista do norte, favorecida pela união das monarquias ibéricas (1580-1640) associada à vasta planície sedimentar amazônica, levaria os conquistadores portugueses a não tentarem grandes penetrações no sul, onde apenas parte dos Pampas (a Campanha do Rio Grande do Sul) seria incorporada ao Estado do Brasil. Como no norte de Portugal, no sul do Brasil houve o embate portugueses/espanhóis, que manteria, no confronto, uma zona de atrito no Prata, até 1870, quando ainda lutaram países já independentes. Conseqüentemente, na diretriz leste/oeste, que marcou o crescimento do Brasil, contrastando com a norte/sul, de Portugal, o território brasileiro ficou afunilado, no setor meridional, e avantajado, no setentrional. Daí a forma triangular do Brasil e a retangular de Portugal.

Em Portugal, no período de sua **formação territorial**, a "marca defensiva" ante os árabes passava a ser representada pelo Algarve unido ao Reino de Portugal. No Brasil essa área seria implantada no norte, onde a Amazônia anexada pelos portugueses deixaria confinados ao "Marginal do Caribe", precisamente no setor guianense do continente, os invasores holandeses, ingleses e franceses, que subtrairiam aos espanhóis as maiores fatias de terra americanas. Em conseqüência, na América do Sul, o Estado do Grão-Pará e Maranhão,

envolvendo-se na Amazônia, passava a ser a "marca defensiva" do Estado do Brasil.

Fazendo parte do MERCOSUL sem objetivos político-unionistas e sim econômicos de mercado, o Brasil se envolve com países idênticos de certo modo, tanto por sua cultura quanto pelos respectivos estágios econômicos. Trata-se, pois, de diretriz puntiforme para fazer frente a diretrizes difundentes de eixos norte/sul, em cujo setor setentrional nações de culturas divergentes e em estágios econômicos que as classificam num 1º Mundo querem, como os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão posicionar-se como "Estados Diretores". Em contrapartida, **Portugal, já no seio da União Européia, envolve-se com variada gama étnico-cultural de economias díspares.** Como país pobre, dentro desse sistema conjuntural europeu, que, do âmbito econômico incursiona pelo político e já se envolve com o soberano, Portugal tem que traçar uma estratégia com competitividade, nas mais variadas escalas. Estratégia que destaca como seu mais importante ONP (Objetivo Nacional Permanente), o incontestável fator geohistórico de preservação da sua individualidade, aderindo a uma Europa da qual viveu sempre mais isolado do que integrado. Daí, no "atlantismo" reforçado, ter que manter a sua característica base, em maior aproximação e cooperação com países seus pares pela unidade da língua portuguesa. Nesse contexto, **Portugal**



ORGANIZADO POR THEREZINHA DE CASTRO

estará efetivamente no seu "habitat geopolítico", podendo, em conseqüências manter sua identidade na mais natural individualidade.

Sem ser bioceânico Atlântico/Mediterrâneo mas posicionado na esquina dos setores norte/sul, Portugal tem, com o Brasil, um forte elo na "atlanticidade". Não sendo bioceânico Atlântico/Pacífico, o Brasil ocupa a maior costa meridional desse oceano, no qual tem continuidade além-equador terrestre. Daí ser caracterizado com

dupla-face nos setores norte/sul, e leste-oeste, na zona de estrangulamento do referido oceano. É, pois, para o Atlântico que as diretrizes geopolíticas do Brasil e de Portugal convergem. Portugal deve, antes de tudo, ter em mente que os grandes navegadores seus do passado deveram a grandes tempestades sua ótima reputação. E nisso plantaram, do outro lado do Atlântico, um país bem mais extenso, porém praticamente à sua imagem e semelhança.



**THEREZINHA DE CASTRO** — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencieta de Geopolítica na ECEME e ECEMAR. Professora de História do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: "Rumo à Antártica", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "Geopolítica: Princípios, Meios e Fins" e outras.